



O ensino de filosofia entre Foucault e Deleuze: por uma pedagogia do conceito como proposta de resistência.

POR FLÁVIO JOSÉ DE CARVALHO

flavio.carvalho@ufcg.edu.br

Introdução

A investigação que vimos desenvolvendo desde 2013 investiga o pensamento filosófico de dois relevantes e polêmicos filósofos do século XX, Michel Foucault (1926-1984) e Gilles Deleuze (1925-1995) e de modo. O ponto fulcral da pesquisa, entretanto diz respeito ao problema do Ensino de Filosofia no Ensino Médio, cuja compreensão e conceitos correlatos têm sido problematizados (embora, não exclusivamente) nas reflexões epistemológicas, pedagógicas e políticas de ambos os filósofos, ou seja, neste movimento investigativo simultâneo temos conduzido a discussão foucaultiana e deleuzeana pela seara da educação, de modo mais específico pelo Ensino de Filosofia no Ensino Médio. Temos investigado como os elementos compreensivos (conceitos) criados por ambos os filósofos podem ser aplicados nos desdobramentos teóricos e práticos do Ensino de Filosofia no Ensino Médio, em vista de uma educação filosófica que priorize a atitude filosófica (autônoma e criativa) em sala de aula.

Apesar de nossa investigação transitar e construir-se em torno de problemas e conceitos especificamente filosóficos, por vezes, seguindo *pari passu* o itinerário intelectual dos filósofos estudados, nos remetemos e nos associamos constantemente às discussões oriundas da área da educação, do âmbito do ensino, de modo específico, do ensino de filosofia. Nossa investigação se localiza no âmbito da reflexão filosófica da educação, ou mais precisamente, da reflexão filosófica da educação filosófica. Neste contexto epistêmico, a interdisciplinaridade e a intercontextualidade – características constitutivas do pensamento foucaultiano, oportunizadas a partir do seu conceito de



*heterotopia*¹ – têm acompanhado as estratégias e as ações de nossa pesquisa. Reconhecemos, portanto, que o *modus operandi* da investigação filosófica, eivada de suas particularidades, pode se desenvolver mantendo-se próxima das correlações e contribuições de outros campos do conhecimento humano, tais como a pedagogia, a história, a psicologia entre outros.

Cumpre-nos ainda, antes de iniciarmos a exposição dos argumentos e dos problemas que constituem nossa pesquisa, indicar a relevância que ela comporta no cenário da pesquisa e do ensino no Brasil, manifesta por um lado pela premente necessidade de problematizarmos o Ensino de Filosofia na Educação Básica brasileira depois da promulgação da Lei nº 11.684/2008, que tornou o seu ensino de Filosofia obrigatório em todas as escolas públicas e privadas do território nacional, e por outro lado, destacamos que não basta implantar qualquer ensino de Filosofia, precisamos oferecê-lo de modo que estimule a atitude filosófica do estudante do Ensino Médio, que estimule o pensar filosófico questionador da naturalidade da existência individual e social, um ensino de filosofia que, corroborando a tese kantiana, oportunize a saída do homem de sua minoridade, lançando-o para o pensar autônomo e engajado. Neste sentido, nossa investigação assume o duplo compromisso com a problematização filosófica – ao mesmo tempo epistêmica e pedagógica – do ensino de Filosofia.

Por fim, duas informações igualmente relevantes: 1. temos nos ocupado com o objeto de nossa investigação – a educação filosófica na Educação Básica no Brasil – desde 2013, dentro das atividades do Grupo de Pesquisa Educação e Ensino de Filosofia – UFCG/CNPq, bem como no Programa de Iniciação Científica (PIBIC/UFCG/CNPq), desenvolvendo ações investigativas em escolas públicas e privadas da cidade de Campina Grande, Paraíba, Brasil; 2. até o momento, a experiência da leitura acurada dos referenciais teóricos, bem como a pesquisa de campo nas escolas nos forneceram abundantes elementos compreensivos acerca do Ensino de Filosofia e de como a relação poder-saber vivenciada nos ambientes escolares têm oportunizado uma educação filosófica pautada majoritariamente no acúmulo de “informações sobre

¹ Cf. FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011 (Introdução).



filosofia” e na exposição doutrinária. Diante desta situação, os próximos movimentos da presente investigação que se desenvolverão durante o ano de 2015 pretendem, primeiramente, contribuir para a problematização e desconstrução desta concepção de educação filosófica, mediados pela reflexão foucaultiana e deleuzeana, intencionalmente direcionadas para este nível de ensino e para este componente curricular; em seguida, contribuiremos de modo propositivo na medida em que ofereceremos um conjunto de estratégias e ações pedagógicas viáveis e práticas, as quais serão orientadas por esta perspectiva de educação filosófica, a saber, um ensino de Filosofia que fomenta a autonomia e oportuniza a resistência, elementos que a nosso ver agregam certo caráter inusitado a nossa investigação.

1. O Ensino de Filosofia e a relação Poder-Saber: diagnóstico pedagógico e filosófico.

Discutir a educação filosófica não pode se limitar aos questionamentos e demandas de ordem pedagógica, demandas por metodologias e materiais didáticos por exemplo. Discutir a educação filosófica comporta problematizações de ordem quer epistêmica quer política. Sendo assim, as compreensões filosóficas – de Foucault² e Deleuze³ – às quais vinculamos nossa investigação manifestam nosso próprio entendimento de educação filosófica, como já dito, tomada ao mesmo tempo como questão epistêmica e política. O encontro destes dois pensadores mostra-se extremamente oportuno, na

² Michel Foucault (1926-1984) aparece no contexto da filosofia contemporânea como um dos principais pensadores do século XX, seja pela amplitude seja pela repercussão de suas ideias. Ele inicia suas investigações filosóficas nas searas da medicina psiquiátrica e da história e, sucessivamente, se imiscuiu nas discussões da epistemologia e da linguística, da política e da ética, da psicanálise e da psicologia, dos direitos humanos e das questões de gênero. Nesta diversidade de áreas, temas e problemas abordados por Foucault, a educação ocupa um lugar pontual no seu pensamento, a obra *Vigiar e Punir* (1975), quando ao tratar das práticas disciplinares, além de abordar as práticas hospitalares e prisionais, o filósofo se detém nas práticas de escolas europeias dos últimos dois séculos.

³ Gilles Deleuze (1925-1995) igualmente representa no pensamento contemporâneo um dos olhares filosóficos mais argutos, ocupado com os problemas que afligem as sociedades dos nossos dias. Deleuze construiu um pensamento filosófico cujo diferencial se mostra na sua perspectiva de reconhecimento da multiplicidade. Multiplicidade de abordagens, multiplicidade de discursos, multiplicidade de práticas sociais. A temática da educação não aparece como problema em suas análises, porém a exemplo do que aconteceu com o pensamento foucaultiano, a reflexão deleuzeana também foi tomada e incorporada às discussões educacionais por aqueles que a acessaram. Em 1968, ele publica *Diferença e Repetição* e em 1990, a obra *Conversações*, ambas são incorporadas nas discussões pedagógicas na medida em que fornecem subsídios para uma formação educacional que coloca nas mãos de cada indivíduo a condução do processo.



medida em que suas reflexões subsidiam-nos com a compreensão do processo de inculcação de informações e doutrinação cultural, presentes em diversos momentos da formação dos discursos na sociedade, bem como observáveis no processo de ensino-aprendizagem, e com isso torna possível reconhecê-los como passíveis de ser revistos e transformados.

Até o estágio atual de nossa investigação, desenvolvido entre os anos de 2013 e 2014, pudemos diagnosticar que a educação filosófica enfrenta dificuldades análogas às da educação histórica, linguística ou matemática, entre elas: o desinteresse estudantil pela escola e pela educação, o utilitarismo que se tem atribuído ao Ensino Médio, tomado como estágio de preparação para o Ensino Superior, bem como a crise de valores sociais e morais que instrumentaliza tudo e todos, da qual não escapam as relações escolares. Além destas dificuldades comuns a vários componentes curriculares, observamos a dificuldade enfrentada pela educação filosófica em vista da construção do saber filosófico devido o espaço extremamente restrito disponibilizado na estrutura curricular da Educação Básica no Brasil. Restrição que abarca dois sentidos: um sentido cronológico, na medida em que a organização curricular escolar após a Lei 11684/2008 garante apenas 1 hora-aula semanal de Filosofia em cada ano do Ensino Médio (salvo algumas iniciativas insulares de governos ou instituições escolares), e um sentido didático-pedagógico posto que as aulas de Filosofia que observamos nas escolas investigadas adotam um ensino de Filosofia orientado e centrado na História da Filosofia. Esta concepção constrói um ambiente epistêmico de memorização e repetição, o qual se retroalimenta por meio das práticas docentes e da formatação de alguns livros didáticos.

Nosso diagnóstico reconheceu ainda que o Ensino de Filosofia vivenciado atualmente tem priorizado o conteúdo filosófico em detrimento daquilo que chamamos experiência filosófica, compreendida como vivência por parte dos discentes da atitude de questionamento (formulação de problemas) e da proposição compreensiva (criação de conceitos) acerca dos mais diversos âmbitos e elementos constitutivos da sua realidade social-histórica. Pudemos também verificar de que modo a construção dos planos de



curso das escolas e dos planos de aula dos professores manifestam peculiaridades da relação poder-saber, isto é, de um saber construído sob a orientação de compreensões educacionais, políticas e filosóficas prévias e impostas, que prescrevem conteúdos e métodos convenientes à manutenção de tais compreensões, que salvaguardem o que Foucault denomina de *discursos de verdade*. Reconhecemos analogamente que a escolha dos materiais didáticos manifestam igualmente esta relação poder-saber e seus mecanismos disciplinares e que mesmo na confecção dos exercícios escolares e avaliativos manifesta a construção do saber filosófico orientado pela dinâmica do poder instituído.

Ainda pudemos investigar e construir uma compreensão sobre as relações construídas e vivenciadas entre os sujeitos pedagógicos (docentes e discentes) no processo de ensino-aprendizagem de Filosofia. Também fizemos um vasto levantamento da legislação educacional em nível de União e dos Estados da Federação sobre o Ensino de Filosofia, reconhecendo-lhes as motivações e orientações oriundas da relação poder-saber. Os resultados e compreensões que formulamos sobre estas questões não são apresentados no presente texto em vista de seu caráter de exposição sumária, entretanto, compõem o texto amplo e detalhado de nossa investigação, o qual será apresentado integralmente durante o evento acadêmico a que submetemos o presente texto.

2. O Ensino de Filosofia e a Pedagogia do Conceito: por uma proposta de resistência.

Motivados pelas informações e compreensões obtidas durante esta vivência com os discentes e docentes das escolas públicas e privadas investigadas em Campina Grande, convocados pela manifestação da relação poder-saber no Ensino de Filosofia, temos nos ocupado no estágio atual da nossa investigação com a construção de uma proposta de Ensino de Filosofia para o Ensino Médio que fomente as atividades questionadora e criadora nos estudantes, elementos constitutivos, a nosso ver, da educação filosófica. Compreendemos que esta proposta na medida em que se posiciona de modo diferenciado diante das atuais propostas de ensino de Filosofia, bem como desloca o



foco epistêmico e pedagógico deste ensino para a peculiaridade da atitude filosófica comporta e manifesta uma proposta de resistência, conforme a compreensão de Foucault e Deleuze.

Nesta perspectiva, assumimos o compromisso pedagógico – e filosófico – de oferecer uma contribuição para que o Ensino de Filosofia não se limite à reprodução de conteúdos e doutrinas (filosóficas ou políticas). Reconhecemos que uma alternativa factível vai em direção do que Deleuze denominava de “repetição criativa”, bem como se orienta conforme a compreensão que Foucault definia como assumir a “função-autor”. Oportunamente, enfatizamos que agir em acordo com as propostas filosóficas e políticas destes pensadores, ou mesmo assumir as teses de Deleuze e Foucault não significa reproduzi-los na reflexão e na prática da educação filosófica, o que seria um contrassenso. Ao assumir suas teses somos impelidos a uma apropriação criativa, isto é, absorvemos os pressupostos indicados por eles e lhes conferimos uma semântica própria, um direcionamento peculiar à atividade docente e às demandas do Ensino de filosofia, uma atitude conveniente com as atribuições do docente-filósofo, o qual se reconhece e age na sala de aula como trabalhando em um laboratório de investigação filosófica. Não se trata de repetir, reiteramos, mas de se apropriar criativamente, de *desterritorializar* e *reterritorializar* ideias e práticas, estratégias e ações, as nossas e as de outrem.

Eis dois dos conceitos importantes que constituem e orientam o estágio atual de nossa investigação, as compreensões deleuzeanas de desterritorialização e de reterritorialização. A construção do saber (vital e enérgico) não pode oportunizar sedimentações, na medida em que esta situação pode conduzir os indivíduos e as sociedades à letargia intelectual, à morosidade política e até a apatia e estagnação sociais, oportunizando o ambiente propício ao dogmatismo e à intolerância com elementos diferentes, relações e situações diversas daquelas instituídas e padronizadas. Em vez de sedimentar e imobilizar, Deleuze reconhece que o processo educacional deve mover-se de territorialização em territorialização, perenemente. Não há ideia, conceito, princípio, método ou teoria que não possa ser – que não deva ser –



problematizada, revisitada, revista, deslocada, destruída, desterritorializada; submeter ideia, conceito, princípio, método ou teoria a um novo território, a uma situação diferente, a outra relação.

Sílvio Gallo, em *Deleuze e a Educação*, ao tempo que reflete, explica que

desterritorializar os princípios, as normas da educação maior, gerando possibilidades de aprendizado insuspeitadas naquele contexto. (...) Também aqui se trata de impedir a produção; trata-se de impedir que a educação maior, bem-pensada e bem-planejada, se instaure, se torne concreta. Trata-se de opor resistência, trata-se de produzir diferenças⁴.

Reconhecemos que o Ensino de Filosofia precisa compreender e vivenciar a perenidade deste movimento, concomitantemente, epistêmico, ontológico e pedagógico. Epistêmico na medida em que se revela no fenômeno de construção dos saberes, ontológico enquanto manifesta a ação de um indivíduo que se compreende constitutivamente capaz de criação, e pedagógico porquanto nos propõe uma orientação para a efetivação deste movimento na seara da formação do indivíduo.

Há outro conceito que tem constituído e orientado nossa investigação, o qual é oriundo de uma conferência proferida por Foucault, em 1969, intitulada “O que é um autor?”, publicada no Brasil na coleção *Ditos e Escritos*⁵. A partir desta conferência compreende-se que a função-autor designa a força da ação criadora de discursos, seja por aqueles que constroem as discursividades que instituem as falas majoritárias, que hostilizam os discursos diferentes seja por aqueles que constroem as discursividades de oposição, de transgressão e de reinstituição. A discussão oportunizada pela fala de Foucault problematiza a relação de identidade entre autor e obra, numa crítica radical ao denominado sujeito constituído, moldado pela sociedade e suas instituições.

Assumir-se na função-autor coloca o indivíduo na situação de instaurador de algo novo, de certa descontinuidade no pensamento, nas palavras do próprio Foucault, a “possibilidade de transgressão”⁶. Assumir-se na função-autor conduz à consideração

⁴ GALLO, S. *Deleuze & a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 66.

⁵ FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos*: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

⁶ *Ibidem*, p. 799.



de que cada época, cada cultura possuem variantes específicas que somadas às peculiaridades dos sujeitos revelam a complexidade da operação de criação de discursos, porquanto Foucault reconhece que “os discursos comportam uma pluralidade de ego”⁷. Mediante o assumir-se na função-autor reconhece-se que a formação de discursividades se dá entre funções possíveis, isto é, resulta da interação “imprevisível” de elementos e estratégias, compreensão que retira do discurso qualquer acepção originária, revelando além da complexidade também a variabilidade e a mutabilidade da construção das discursividades.

Comprendemos que a função-autor pode ocupar na dinâmica do processo de ensino-aprendizagem uma posição privilegiada na medida em que carrega para o âmbito educacional uma inquietação oportuna para solapar o, não raras vezes, tão sedimentado território da formação dos indivíduos. Há uma descrição feita por Walter Kohan que indica, no mesmo tempo em que crítica, essa mesmice que, não raras vezes, constitui o âmbito educacional:

A educação parece habitar uma ontologia contrária, na contramão desta ontologia deleuziana da imanência, do movimento, do singular não individual, da potência, do acontecimento. A educação é um mundo de transcendências, é sempre este e aquele mundo. É também um mundo de indivíduos, onde só conta se foi este aluno ou aquela aluna, João ou Milena, quem adquiriu tal competência, fez o dever de casa ou jogou o giz na professora. Não se trata de dizer ou não dizer João ou Milena, mas da importância que se dá ao dizer João ou ser Milena. E a educação é um mundo onde dizer João ou ser Milena, onde dizer e ser “eu”, se toma cada vez mais importante. A educação é também a casa do ruim e do bom, permanentemente preocupada em saber se contribui para um mundo melhor ou pior. A educação supõe e afirma uma ontologia moralizante, transcendente, individual. Ela é a negação da vida singular, do acontecimento, da potência. A educação obtura os acontecimentos, é o reino dos dualismos, dos modelos, da disciplina, do controle. Há muita história e pouca geografia em educação.⁸

A função-autor pode ser vivenciada pelas personagens fundamentais do processo de ensino-aprendizagem, o professor e o estudante, e na medida em que nossa pesquisa se dirige à educação filosófica, ao ensino de Filosofia no Ensino Médio, defendemos a tese

⁷ Ibidem, p. 800.

⁸ KOHAN, W. O. Entre Deleuze e a educação. In: *Educação e realidade*, Porto Alegre, EDUFRGS, v. 27, n. 2, jul.-dez. 2002, p. 126.



de que o assumir a função-autor torna possível o exercício docente transgressor, complexo e mutável, o qual carrega as condições de criar um espaço pedagógico no qual o estudante perceba a atividade transgressora, complexa e mutante do filosofar. Neste ambiente pensar é de fato criar conceitos, reestabelece-se à Filosofia o atributo que a própria tradição filosófica e seu ensino se ocuparam de soterrar⁹, a possibilidade de pensar o presente e de se repensar perenemente; um processo de ensino-aprendizagem de Filosofia eivado de possibilidades e multiplicidades.

Diante do exposto, as atividades investigativas que desenvolvemos entre 2013 e que daremos continuidade este ano de 2015 forneceram-nos abundante material¹⁰ para o trabalho seguinte de nossa investigação, além de subsidiar a escrita de um artigo científico. Sendo assim, ampliando nossas estratégias e ações, nos ocuparemos com a elaboração de um portfólio de planos de aulas de Filosofia para os três anos do Ensino Médio (conforme preconiza as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio)¹¹. A marca distintiva destas aulas se vincula ao compromisso de viabilizar a apropriação filosófica, que oportunize na sala de aula a experiência do filosofar, nas palavras de Alejandro Cerletti, fazendo da sala de aula uma “comunidade de investigação”¹², uma espécie de laboratório do filosofar. Destacamos que nosso aporte teórico permanece para todas

⁹ “Pensar no que significa pensar leva a pensar na filosofia. Deleuze sugeriu que a história do pensamento ocidental é a história da negação do próprio pensamento. A filosofia, a mãe dos saberes arborizados, é a campeã desta negação, toda ela sustentada e legitimada numa imagem pré-filosófica do que significa pensar. Sim, leram bem: a filosofia tem sido, no Ocidente, a negação do pensamento. Ela é a idiota que parece começar sem pressupostos quando só muda a forma dos pressupostos: de explícitos a implícitos, de objetivos a subjetivos.” (Idem, p. 128.)

¹⁰ De modo sumário: Não há escola fora da relação poder-saber, não há ensino de Filosofia fora da relação poder-saber. A relação poder-saber se capilariza indefinidamente na experiência educacional, visível ou invisível, de modo sub-reptício ou explícito; pela análise de documentos, práticas e discursos reconhecemos sua amplitude e consequências.

¹¹ Dizendo de outro modo: Dentro deste segundo movimento construiremos um portfólio no qual constem sugestões de planos de aulas dirigidos para o Ensino de Filosofia no Ensino Médio, cuja constituição se orienta pela dinâmica da criação filosófica propugnada pela Pedagogia do Conceito. Desse modo, formularemos estratégias de ensino que contemplem os sujeitos pedagógicos – docentes e discentes – dos três anos do Ensino Médio. Além dos planos de aula, o portfólio disponibilizará materiais didáticos (atividades com textos filosóficos, jogos de educação filosófica, materiais audiovisuais, entre outros possíveis) e suas respectivas aplicações na sala de aula de Filosofia.

¹² CERLETTI, Alejandro. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.



estas ações associando-nos aos conceitos oriundos do pensamento de Foucault e Deleuze, e mais acentuadamente dos conceitos de

“desterritorialização/reterritorialização” e de “função-autor”.

Por fim, precisamos ratificar que não nos interessa sintetizar o pensamento educacional de Deleuze ou de Foucault, tampouco nos interessa meramente expor suas ideias pedagógicas. Identificamos, no mínimo, dois problemas cruciais em tais propostas: primeiramente, porque os pensamentos foucaultiano e deleuzeano ainda estão se processando; apesar de mortos a décadas, ambos os filósofos legaram muita reflexão e inquietação; mediante suas palavras e ações, eles autorizaram a apropriação contínua de suas reflexões. De outra parte, assumir suas provocações e seus pensamentos impede a sedimentação filosófica e pedagógica; aquele que toma contato com suas provocações e seus pensamentos sente-se instigado a ir além das sínteses intelectualistas, a mobilidade constitutiva de suas propostas implodiria tal empreitada. Nossa investigação intenta disseminar, sob a forma de propostas para o ensino de Filosofia no Ensino Médio, a vitalidade e o caráter enérgico da Pedagogia do Conceito, da criação de conceitos. Não se trata de reproduzir uma tendência ou perspectiva filosófica ou pedagógica, mais que isso, trata-se de reconhecer-se autor e assim apropriar-se da nossa própria ação criadora.



Referências

BACH, A. A arqueologia de Foucault na contramão das filosofias da história. Disponível em: <http://www.scribd.com>. Acesso em: 15 abr.2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. (Ciências Humanas e suas Tecnologias)*. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio. (Ciências Humanas e suas Tecnologias)*. Brasília: MEC; Secretaria de Educação Básica, 2006.

BULCÃO, M.; BARBOSA, E. *Bachelard: Pedagogia da razão, pedagogia da imaginação*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

CASTRO, E. *El vocabulario de Michel Foucault*. Disponível em: <http://www.scribd.com>. Acesso em: 15 abr. 2012.

CERLETTI, A. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Lisboa: Relógio d'água, 2000.

DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. 2. ed. Trad. Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

ERIBON, D. (1990) *Michel Foucault*. São Paulo, Companhia das Letras.

FISHER, R M. B. *Foucault e a análise do discurso em educação*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>. Acesso em: 07 mai.2013.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: a vontade de saber (v. I)*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Graal Editora, 2007.

_____. *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III)*. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. *Ditos e Escritos: estratégia, poder-saber. (v. IV)*. Org. Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. *Microfísica do poder*. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.



_____. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HORN, G. B. *Ensinar filosofia: pressupostos teóricos e metodológicos*. Ijuí: UNIJUI, 2009.

KOHAN, W.O. *Perspectivas atuais do ensino de filosofia*. (p. 21-40). IN: FAVERO, A. et al (orgs). *Um Olhar sobre o ensino de Filosofia*. Ijuí, Ed. Unijuí, 2002.

_____. Entre Deleuze e a educação. In: *Educação e realidade*, Porto Alegre, EDUFRGS, v. 27, n. 2, jul.-dez. 2002, p. 126.

MOURA, T. M. *Foucault e a escola: disciplinar, examinar, fabricar*. Disponível em: http://www.fe.ufg.br/uploads/6/original_Dissert-Thelmamoura.pdf. Acesso em: 01 abr.2014.

NONNENMACHER, S.; PEREIRA, V. L. B. *Michel Foucault: modernidade e educação*. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/004e4.pdf>. Acesso em: 07 mai.2014.

RODRIGO, L. M. *Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o Ensino Médio*. Campinas-SP: Autores Associados, 2009.

VEIGA-NETO, A. *Foucault & a educação*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.